

Heranças malditas da técnica psicanalítica: a provocação da Hipnose e da Telepatia ¹

Bartholomeu de Aguiar Vieira ²

Bom dia. A psicanálise se interessa por detalhes, afinal, sabemos que eles não são desprovidos de sentido. Assim, vou começar minha fala comentando algo que considero um detalhe curioso. Ao inscrever esse trabalho escolhi a modalidade “psicanálise e suas clínicas” porque tenho pensado que o hipnotismo pode estar presente em grande parte dos tratamentos anímicos realizados por nós.

Por tratamento anímico me refiro ao que Freud descreveu como sua prática em 1890 e como continuou se referindo a psicanálise. Segundo esse jovem Freud, os médicos modernos são legatários e continuadores dos xamãs e dos pajés, que por sua vez, são receptáculos da mesma fé que uma criança tem na autoridade de seus pais. Trata-se desde sempre de transferência. Como bem sabemos.

Retomar esse primeiríssimo Freud não é apenas estratégia de argumentação e sim um genuíno desejo. Desejo de ressaltar e manter vivo e em circulação a principal força projetada por Freud como motor de um tratamento.

Voltando ao que chamei de “detalhe curioso”, não foi sem surpresa que percebi que minhas pretensões de falar sobre a herança do hipnotismo e do ocultismo levaram a comissão organizadora a imaginar que minha fala caberia melhor dentro da modalidade do analista desconcertado: mal-estar e a clínica. Achei isso um detalhe curioso e deixei que passasse dentro de minha mente um tempo. Quando decidi escrever essa fala, a palavra que veio na minha cabeça sobre o dito eixo foi um sinônimo do desconcerto.

¹ Este trabalho foi apresentado em “Trabalhos livres” no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Trabalho derivado da dissertação de mestrado intitulada “A empatia em Freud e em Ferenczi: em busca de uma ferramenta para a clínica psicanalítica”

² Mestre pelo Instituto de Psicologia da USP

Pensei em constrangimento. Como a psicanálise respeita o Inconsciente resolvi eu também respeitar essa manifestação do meu, e assim decidi pensar um pouco sobre o tal constrangimento no lugar do desconcerto.

A esse respeito acredito que não se trata de seu sentido primário, isso é, enquanto algo da ordem do embaraço propriamente dito e sim no sentido usado pela Física para se referir ao ato de reduzir volume. De comprimir uma substância. Explicarei isso logo mais.

Passando da ideia de um “detalhe curioso” para algo mais problemático vou me dirigir ao que seria a questão do “mal-entendido”. Elemento que acredito pairar sobre o assunto da hipnose e dos fenômenos ocultos.

Nos momentos finais de sua carreira Ferenczi afirmou que é a confusão de línguas entre um adulto sedutor e a criança terna que produzem os traumas psicológicos. É uma ideia simples. As crianças possuem uma sexualidade particular a qual sofre de um erro de tradução e interpretação pelos adultos que compreendem o amor mágico e paradoxal infantil como um ato binário de paixão.

Em situações catastróficas, esse mal-entendido leva a abusos. Assim, o que ia de mal a pior se torna verdadeiramente trágico quando a criança busca um outro adulto que faça a função de testemunho para validar sua experiência e nessa ocasião encontra em seu lugar uma forma qualquer de silenciamento. Nessa situação a desautorização será a função que turvará a experiência e produzirá na criança a desconfiança de sua própria capacidade de pensar e sentir. Segue-se daí uma cisão de sua personalidade.

Resumindo essa ideia: aquilo que foi mal-entendido pela linguagem do adulto, que interpreta com malícia as coisas, não sofreu a reparação necessária através da figura do testemunho num segundo tempo e assim gera a situação traumática.

Estou resgatando essa teoria porque estou sugerindo para vocês que a forma como

usualmente contamos a história da psicanálise interpreta o hipnotismo com a malícia do mal-entendido ou com a suspeita do detalhe curioso. E por que não, por vezes, apenas com o desrespeito da má-fé.

Se seguirmos a versão descrita pelo próprio Freud autobiograficamente e reafirmada por alguns outros que o biografaram, seremos referidos ao Pai da psicanálise como um guerreiro solitário que armado com teorias revolucionárias sobre a sexualidade inaugurou a disciplina quando deixou de lado toda forma de hipnotismo, fosse a da sugestão direta aprendida com Bernheim, fosse a produção de obnubilações da consciência na forma de transes, provenientes das ideias de Breuer.

Essa história insiste em ser contada e acredito que aproxima nossa disciplina de uma prática hermética e cheia de dogmas. Hermética porque nega seu lugar na esteira de uma história e dogmática, porque insiste em “pegar em armas” chamando de resistência todo o movimento de revisionismo histórico.

Certamente nem toda revisão é negada, tenho certeza. Afinal, desde os anos 60 uma historicização mais crítica e fundada na leitura de fontes primárias demonstra, infelizmente ainda com pouco lastro no Brasil, que Freud não era um solitário. Assim, como Ellenberger nos conta, pouco antes de ganhar uma bolsa de estudos e ir à França conhecer o prestigiadíssimo Dr. Charcot, Freud já havia se tornado professor universitário, ou seja, já dispunha de algum reconhecimento junto de seus pares em uma carreira extremamente competitiva e difícil.

Alguns poucos minutos atrás eu disse que retomaria minha ideia de constrangido como substância comprimida. Explicarei o que tenho em mente sobre isso agora.

Falando sobre a história de nossa ciência a partir da história das ideias, convido os curiosos a olharem as cartas trocadas por Freud e Ferenczi no ano de 1910. Trata-se do seguinte contexto: Ferenczi, Freud e Jung vão aos Estados Unidos para falar sobre Psicanálise, coisa que Lacan inventou que se tratava de peste, acho importante lembrar

que essa frase nunca foi dita por Freud.

Durante essa viagem e em meio a importantes interpretações mútuas de sonhos surgiu uma pauta comum de interesse dos três homens. O ocultismo e suas manifestações geravam conversas entusiasmadas fosse como um fenômeno real, fosse como uma forma inocente de psicologia. Dessa conversa Freud sugere que Ferenczi, ao voltar da América do Norte, passasse por Berlim para ver uma famosa vidente capaz de ler telepaticamente o assunto contido em cartas lacradas meramente olhando para o envelope. Seguiu-se daí quase um ano de troca de cartas que tentavam explicar o tal fenômeno.

Freud se mantém firme na fisiologia e diz que se trata apenas de ler pensamentos do mesmo modo que os olhos veem palavras escritas. Em algum momento a telepatia ganha a definição de uma transferência de pensamentos. Certamente a palavra transferência é cara à psicanálise, que até então tinha a usado no contexto dos sonhos, no posfácio do caso Dora e no tratamento anímico, ou seja, como realização de desejos, como resistência e como essência da influência mágica do hipnotismo.

Poucos anos depois, Freud escreverá o texto da dinâmica da transferência aproveitando um gancho deixado por Ferenczi ao criar o conceito de introjeção que tanto fala sobre a ontogênese do psiquismo, como do uso da transferência no contexto clínico e de sua relação com o hipnotismo.

Percebam como não se trata jamais de dizer que a telepatia é um conceito da psicanálise. Afinal esse assunto faz parte do Oculto, que é muito bem definido se pensado enquanto um campo de investigação cujos parâmetros estão para além do enquadramento da psicanálise. Ocultismo tão simplesmente é aquilo que se mantém oculto.

Então apesar de não ser um conceito nosso, a telepatia esteve presente no campo de interesse investigativo dos psicanalistas. Por quê? Talvez, porque tais sujeitos estivessem abertos aos fenômenos humanos que se manifestam eventualmente na própria vida privada ou na narrativa dos outros. Em outros termos, trata-se de liberdade especulativa sobre o assunto, ou mesmo de um fazer “fantasia científica” como Freud

preferiu nomear em outras partes importantíssimas de seu edifício teórico.

Daí está o que é constringido/compresso em nossa ciência: liberdade criativa de especulação. Seja por mecanismo de defesa, vide o que eu falei sobre o mal-entendido e sua circulação; ou como um recurso retórico, ato de certa dose de malícia; ou ainda pela simples dificuldade de objetividade na construção de fatos históricos, característica intrínseca a nossa disciplina como bem documentado por Chertok em 1971.

Retomando o assunto da hipnose gostaria de terminar minha fala apenas atualizando para vocês a aposta de Freud a esse respeito. E lamento se estiver “chovendo no molhado”. Alias, não...ficaria feliz se estivesse falando algo sabido e conhecido por todos.

Em um texto chamado “Caminhos da terapia psicanalítica” Freud fala que a aplicação da técnica eventualmente irá fundir o puro ouro da análise rigorosa e não tendenciosa, com o cobre da sugestão direta. E que mesmo a influência hipnótica poderia ter aí seu lugar. *Ousado*.

Bons anos depois, um pouco mais pessimista, Freud fala em análise terminável e interminável que: “se a influência hipnótica pareceu um instrumento excelente a mesma teve que ser abandonada por razões bem conhecidas”. Se me fosse possível, eu gostaria de perguntar a Freud não quais são as razões, mas porque ele recorreu a memória de seus leitores e não a uma explicação breve.

Logo depois, ainda nesse trecho, Freud diz que não foi encontrado substituto para a hipnose apesar de Ferenczi ter tentando em vão.

Imagino que Freud esteja se referindo as modificações finais feitas por Ferenczi à técnica, período em que o húngaro nos oferta uma saraivada de postulados complexos, como por exemplo: “em psicanálise não é lícito fazer penetrar coisas -por sugestão ou por hipnose - na mente do paciente, mas, por outro lado, não só é correto como aconselhável fazê-las sair de sua mente pela via da sugestão”. Cabe perguntar o que Ferenczi compreende por sugestão neste contexto, assim como cabe avisá-los que segundo Bernheim hipnose é tão somente sugestão, argumento que não é hegemônico ainda nos dias de hoje.

Bem, dizia eu que Ferenczi tem uma opinião sobre a Sugestão. O autor classificará a sugestão hipnótica também como “healing” e explicará tal escolha dizendo que a sugestão, para ser hipnótica, deve ter o efeito apaziguador de ternura. Ainda nessa definição a análise é um processo que prepara o sujeito para esse evento.

Assim Ferenczi parece desenhar uma terapêutica que deveria objetivar a reparação do psiquismo. Movimento em três etapas: passando por uma fase de regressão à fraqueza, como ele chama, seguido de análise, e finalmente de um tipo de sugestão capaz de terminar com a dependência transferencial para o analista.

Vamos nos lembrar que Ferenczi morreu em 1933 e que se suas pretensões para o final de análise podem soar ingênuas ou demasiadamente otimistas, no contexto desta fala servem para expressar o que Octave Mannoni muito bem resumiu e que uso para encerrar minha fala:

Quando o diabo é eliminado, as convulsionarias permanecem. Quando os artefatos mágicos são eliminados, os ‘magnetizados’ de Mesmer permanecem. Quando o baquet é eliminado, mantem-se a hipnose e a ‘relação’. Quando a hipnose é eliminada, aquilo que permanece é a transferência. (Mannoni, 1980, pp. 49-50, tradução pessoal).³¹

³Le transfert n’est pas facile à définir, disons, en gros, que c’est la mobilisation de l’inconscient em relation avec l’analyste. Il est prudent de ne pas chercher trop de précisions, Car le transfert est vraiment le nonthéorisable de l’analyse. En tout cas, le transfert est ce qui nous reste de la possession, et on l’obtient par une série de soustractions. On élimine le diable, restent les convulsionnaires. On élimine les reliques, restent les « magnétisés » de Mesmer. On élimine le baquet, on a l’hypnose et le « rapport ». On elimine l’hypnose, il reste: le transfert

Obrigado ⁴

Referências:

- Bernheim, H. (1886). *Suggestive Therapeutics: A Treatise on the Nature and Uses of Hypnotism*. New York: Putnam.
- Chertok, L. (2006). *L'hypnose entre la psychanalyse et la biologia: Le non-savoir des psy*. Paris: Odile Jacob. (Trabalho original publicado em 1979)
- Chertok, L., & Stengers, I. (1990). *O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: The history and evolution of dynamic psychiatry* (Vol. 1). New York: Basic Books
- Falzeder, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência (1908-1911)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferenczi, S. (1963). On Spiritism. *Psychoanalytic Review*, 50(1), 139. (Trabalho original publicado em 1899)
- Ferenczi, S. (2011). *O conceito de introjeção* (Vol. Vol. I). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912)
- _____, S. (1966). El análisis infantil en el análisis de adultos. In *Problemas y métodos del psicoanálisis* (pp. 111-126). Buenos Aires: Hormé/Paidós. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Vol. Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2017). O Tratamento anímico. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (Vol. Volume VI- Fundamentos da Clínica). São Paulo: Autentica. (Trabalho original publicado em 1905 datando de 1890)
- Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In *Obras Completas* (Vol. XIV). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2011). Autobiografia. In *Obras Completas* (Vol. XVI). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2006). Conferência XXX–Sonhos e ocultismo. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, XXII*. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In *Obras Completas* (Vol. XIX). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)

⁴ Nota acrescida após a apresentação e dirigida aos leitores desse texto e a comissão organizadora do evento: Agradeço a oportunidade de ter podido expressar minhas ideias em um ambiente democrático, isso é, com liberdade de expressão e principalmente aberto ao pensamento livre. Além de bem recebido, a comissão fez questão de entrar em contato comigo para esclarecer as razões pelas quais minha submissão de trabalho mudou de eixo. Postura acolhedora, gentil e muito bem recebida por mim. Novamente, obrigado.

- Gay, P. (1990). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
(Trabalho original publicado em 1989)
- Mannoni, O. (2016). *Un commencement qui n'en finit pas. Transfert, interprétation, théorie*. Paris: Le Seuil. (Trabalho original publicado em 1980)
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*: Zahar.